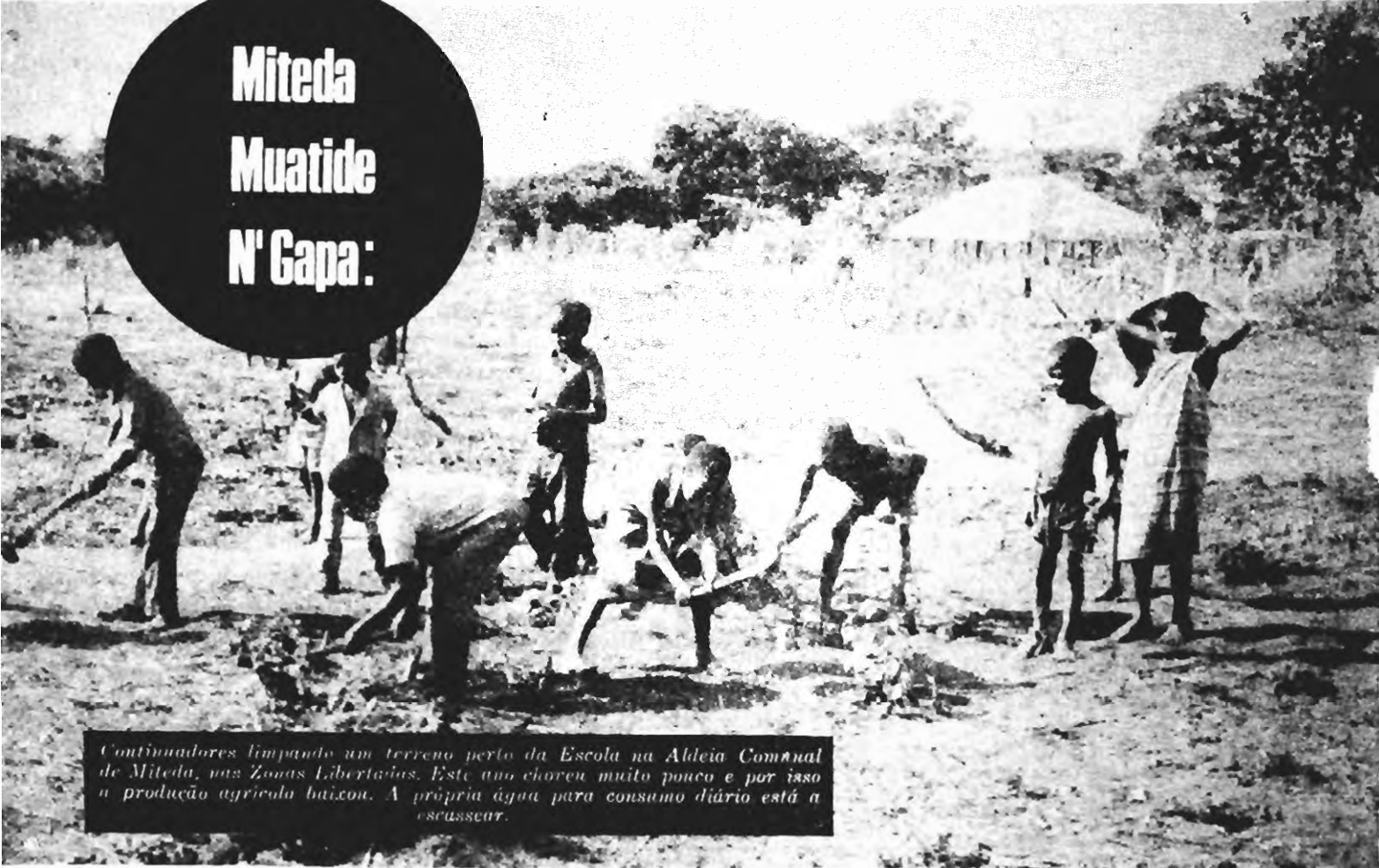


Miteda
Muatide
N'Gapa:



Continuadores limpando um terreno perto da Escola na Aldeia Comunal de Miteda, nas Zonas Libertadas. Este ano choveu muito pouco e por isso a produção agrícola baixou. A própria água para consumo diário está a escassear.

TRABALHO NÃO É AÇÚCAR MAS É BOM TRABALHAR

• Seca e falta de abastecimentos como problemas principais

Miteda, Muatide e N'Gapa, as duas primeiras a Sul de Mueda e próximas uma da outra e a última a noroeste e também distante da capital do planalto do mesmo nome, têm de comum o facto de não só localizarem-se nas Zonas Libertadas durante a Luta de Libertação Nacional como por neste momento estarem as populações daquelas localidades a erguerem as respectivas Aldeias Comuns.

Os problemas que presentemente enfrentam também são semelhantes e as dificuldades ao nível de

abastecimento reflectem-se pela falta de panos para vestuário, material de produção agrícola, material didáctico para as largas centenas de crianças em escolarização e adultos em alfabetização, medicamentos nos postos de socorro, situação que aliás está a afectar toda a Província de Cabo Delgado e grande parte do campesinato moçambicano (Ver «Tempo» n.º 348). Para além disto há a seca que tem causado sérios problemas quer na produção agrícola, quer no abastecimento de água às populações.

Mas há efectivamente algo que as diferencia de outras localidades, precisamente na forma política e organizada como enfrentam estes problemas que vêm da experiência e do tempo da luta e na confiança que possuem no Partido na sua estratégia para a solução das presentes dificuldades.

Trabalha-se duro nestas localidades, mas aqui o

trabalho assume o seu verdadeiro e digno significado, como transformador da vida e da consciência do próprio Homem, consubstanciada na expressão de um velho camponês de Mideta Muanacalia Namale que, em reunião popular e a propósito da produção diria: «Trabalho nunca é açúcar, mas é bom trabalhar!».



Elemento da população recebe primeiros socorros num posto sanitário em N'Gapa. Embora não falte pessoal de enfermagem tanto em Miteda, Muatide como em N'Gapa faltam contudo medicamentos.

Miteda, ou melhor o vale de Miteda, é um lugar que ficou marcado para muitos soldados do exército colonial. Era uma zona interdita aos militares portugueses, era efectivamente uma zona libertada do povo moçambicano em armas. Muitos combates aqui se travaram quando Kaúlza pensava esmagar a FRELIMO, muitos aviões foram abatidos nas suas incursões assassinas contra a população.

— Muitas vezes os colonialistas aterravam perto com helicópteros e comandos e nós tínhamos de fugir com os alunos — diria Vicente Biché, professor primário em Miteda desde o tempo da luta até agora, a propósito dos ataques colonialistas àquela zona. «Mas as nossas forças acabavam por escorraçar os inimigos e nós voltámos a erguer aqui a nossa escola — concluiria aquele jovem mas experimentado professor.

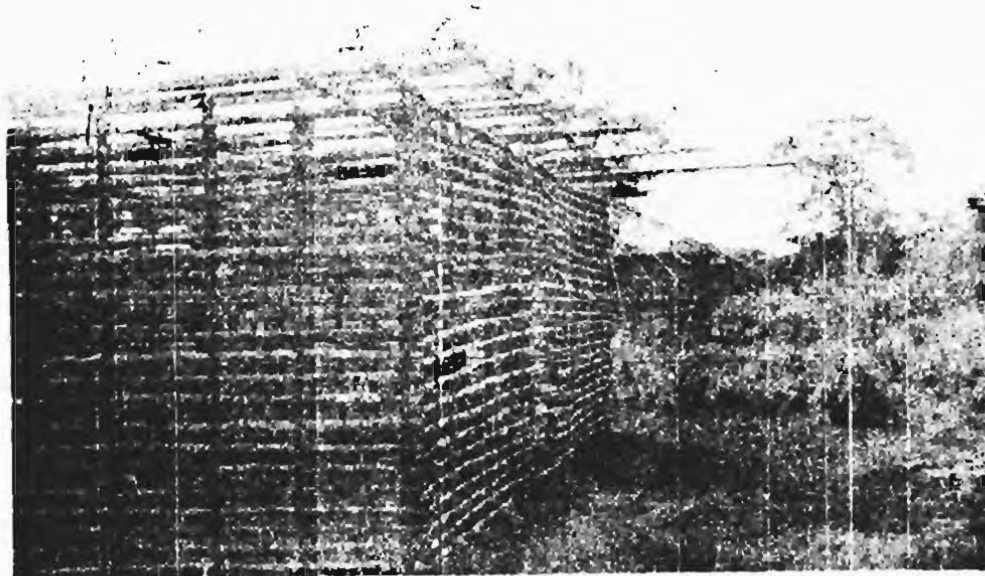
Proclamada a Independência Nacional as populações daquela zona recebem a palavra de ordem de construção de Aldeias Comuns. Houve novamente grande mobilização política. Populações que estavam um tanto dispersas durante a guerra foram-se juntando na própria Aldeia de Miteda.

— Nos fins de 1975 escolhemos o lugar e em 1976 começámos a organizar para erguer a Aldeia Comunal — diz um responsável político da localidade.

Mas houve entretanto um pequeno problema relativo às orientações que primeiramente foram dadas. Efectivamente, as medidas para o tamanho das casas e dos espaços entre umas e outras que tinham sido primeiramente fornecidas tornavam as casas na prática acanhadas ou muito distanciadas, entre elas e não se adaptavam às necessidades reais. Foi só após a realização do Primeiro Seminário Provincial de Aldeias Comuns de Cabo Delgado, em Nambude — M'Bau, que foram definitivamente estabelecidas orientações concretas.

Assim alinhadas e devidamente espaçadas começam a ser construídas as casas da grande Aldeia Comunal de Miteda. Quando ali estivemos tivemos oportunidade de ver já o alinhamento e as dimensões que a Aldeia terá. Naquela altura já tinham sido construídas 7 casas, precisamente em 7 dias.

— Esta prática de construirmos depressa não é nenhuma obra de outro mundo. Nós organizámos primeiro brigadas para



Casas em construção na Aldeia Comunal de Mitida. Todos fazem a casa de cada um. Até ao fim do ano pensam concluir cerca de 300 casas.



Aluna da 1.ª classe da Escola primária em Mitida. Tem faltado material didáctico para os 216 alunos da 1.ª e 2.ª classes. Depois da 2.ª Classe os alunos vão para os Centros Pilotos, estabelecidos durante a Luta de Libertação.



Muanucalia Namanhudo, elemento da população de Mitida veterano da Luta de Libertação. «Com o grande aumento da população aqui e a falta de chuva que houve, vamos ter grandes dificuldades com a falta de água».

ir buscar os pauz, quer dizer brigadas de construção, de transporte e brigadas de abastecimento de alimentação. Isto significa que todos constroem a casa de cada um. O trabalho anda rápido e pensamos que até ao fim deste ano teremos prontas as 200 ou 300 casas necessárias. — afirmou um dos responsáveis da Aldeia Comunal.

Este número variável de 200 a 300 casas justifica-se pelo facto de que ainda estão a chegar regressados da Tanzânia que

vêm fixar residência naquela localidade. Actualmente Mitida tem 3.887 pessoas entre mulheres, homens e crianças.

A ESCOLA E A COOPERATIVA OS TRABALHOS E AS DIFICULDADES • A seca e a falta de água

Durante a nossa visita à freguesia onde se erguerá a grande Aldeia Comunal de Mitida fomos ter à escola naquela altura ainda funcionar provisoriamente debaixo



de uma grande árvore. A primeira classe está a funcionar com 158 alunos e a 2.ª com 58. Depois da 2.ª classe os alunos são enviados para os Centros Pilotos, existentes já desde o tempo da Luta Armada de Libertação Nacional. Mitida possui presentemente 3 professores primários para escolarização e mais 2 para alfabetização de adultos.

Após as vacinações que aqui se efectuaram diminuiu muito o sarampo entre as crianças e outras doenças contagiosas, substituindo todavia o paludismo e feridas havendo efectivamente certa falta de medicamentos para se fazer um combate concreto e contínuo contra aquelas doenças. As crianças têm certa dificuldade em aprenderem português porque em casa normalmente falam a língua mãe. Mas um dos problemas bastante sérios para o avanço da escolarização é a falta de materiais escolares. As vezes não há lápis e as crianças não escrevem, outras vezes faltam mesmo cadernos. Esta é uma situação resultando da referida falta de abastecimento e planificação deste sector ao nível provincial e mesmo nacional e por razões já bem definidas pelo Conselho de Ministros no documento «Como Age o Inimigo».

Está em construção em Mitida uma Loja do Povo e respectivo armazém de boas dimensões segundo nos pareceu pe-



Ligualema é nome desta dança tradicional só para pessoas idosas. Assistimos a esta dança em Muatide. Cantaram a Luta de Libertação e a confiança que têm na FRELIMO para levar novamente à vitória contra as actuais dificuldades.

las fundações de ferro para as respectivas colunas de cimento armado dos alicerces. Entretanto funciona ainda a antiga cooperativa de adobe ainda do tempo da Luta Armada. Por falta de abastecimento vende-se ali apenas o resultado da produção agrícola. Mas o que torna curiosa esta cooperativa é o facto da casa não ter portas. Nunca teve uma porta. É Muana-calia Namanhudo que explica: «Aqui o ladrão é inimigo e como estamos organizados desde o tempo da luta o ladrão aqui não há».

A produção este ano não foi grande devido ao facto de ter chovido muito pouco no planalto. Aliás toda a província de Cabo Delgado está sofrendo os efeitos de uma seca que a continuar trará grandes prejuízos. Aqui cultiva-se muito milho, amendoim, mandioca, mapira e gergelim. Mas devido à falta de chuva a produção dará quase só para a alimentação. O mesmo aconteceu com a castanha de caju que deu pouco este ano enquanto por outro lado ao irem vender este produto na Loja do Povo em Mueda ou às próprias brigadas das L. P. que ali foram, eles pagaram-lhes em dinheiro, pois não tinham outros produtos para troca muito necessários aos camponeses, como panos para vestuário e instrumentos diversos. Com o dinheiro também nada podem fazer porque não há na L. P. no mercado-

— A nossa Loja do Povo não tem abastecimentos suficientes e isto não é bom porque nas lojas particulares com 200 escudos não se pode comprar quase nada, mas nas Lojas do Povo pode-se quando há — afirmou Josefina Muguanha, uma camponesa de Miteda e que durante a Luta Armada transportou muita mercadoria na cabeça desde a Tanzânia até ali. O problema está precisamente aqui, não há mercadoria aonde ir buscar, mas se as houvesse a população não se pouparia a esforços para ir buscar.

O problema da seca vem agravar outra questão que é a do abastecimento de água à população. É Cassiano Henriques, um velho militante da FRELIMO desde a primeira hora que explica a situação:

— Antigamente aqui a água chegava quando ainda éramos poucos, os riachos e os poços chegavam. Mas agora que a população aumentou muito de número com a construção da Aldeia Comunal e devido à seca estamos muito preocupados pois lá para Agosto a água vai acabar. Eu próprio já desci no poço, mas a minha sabedoria não sabe mais, talvez um técnico possa nos vir ajudar a resolver este problema».

Uma das soluções que ouvimos em Pemba é ir buscar-a com tubagem água a Muatide, outra Aldeia Comunal ali não muito distante e que possui água com far-

O problema da água é realmente fundamental para a vida e organização da Aldeia Comunal de Miteda.

É o velho Tomás Lapégua que na reunião da população de Miteda com a nossa equipa de reportagem explica que «A FRELIMO organizou-nos para vencer os colonizistas agora também nos há-de organizar para vencermos estas dificuldades que estamos a atravessar».

ALDEIA COMUNAL DE MUATIDE

A cerca de uns 20 quilómetros de Miteda, também nas zonas Libertadas chegámos a Muatide, onde agora se está a erguer uma Aldeia Comunal.

Logo à chegada dois edifícios muito velhos, destruídos, ainda mostrando nas suas paredes marcas de um incêndio indicam que ali houve guerra. Efectivamente tratava-se de uma cantina e instalações administrativas coloniais que foram destruídas logo no início da Luta Armada de Libertação Nacional.

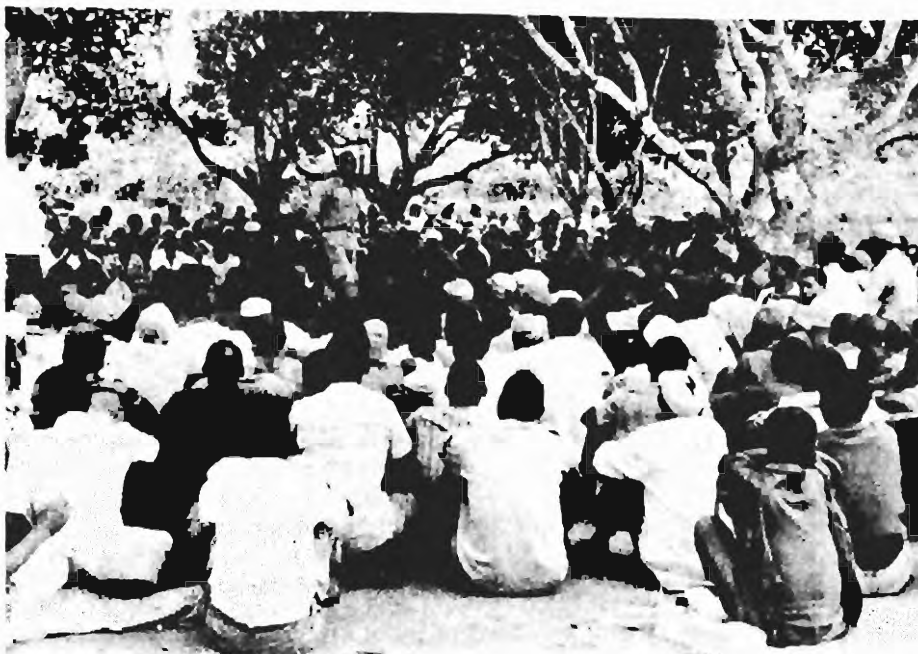
Todavia, mesmo à frente destes restos de paredes enegrecidas e onde crescem trepadeiras e arbustos um edifício grande está em construção: é o novo hospital que servirá toda aquela região.

Mais adiante um tanque elevado de água, praticamente concluído, tesmunha trabalho de captação do precioso líquido. Efectivamente, Muatide possui um rio do mesmo nome ali perto e actualmente as Obras Públicas estão com uma série de trabalhos de abastecimento, quer àquela povoação quer para a Base Central não muito distante daqui. Pensa-se lançar tubagem de Muatide até Miteda, mas este é um trabalho que ainda não se iniciou muito embora o problema da água em Miteda, seja grave, como já se disse.

Enfrentando as mesmas dificuldades quanto ao abastecimento de artigos vários assim como de medicamentos e material didáctico Muatide não teve todavia problemas com a produção agrícola devido não só à humanidade do próprio solo como também pelo facto de ter caído aqui mais chuva do que nas regiões vizinhas. Contudo, faltam transportes e uma Loja do Povo para o respectivo abastecimento.

Actualmente, com cerca de 4.000 pessoas, Muatide teve como Miteda um problema quanto às orientações na construção da Aldeia Comunal.

— Aqui ainda não foram cumpridas as orientações do Seminário Provincial. A Aldeia tinha seguido a antiga orientação com casas muito distantes umas das outras, mas agora terão de seguir o exemplo de Miteda e toda a população está disposta em demolir as casas já construídas e fazer, novamente outras conforme as novas orientações. A população não se des-



Durante a reunião com as populações tanto de Miteda (na imagem) como de Muatide e N'Gapa frisaram a falta de abastecimentos como por exemplo de panos e outros materiais



Um camponês em N'Gapa fala sobre as dificuldades na produção agrícola devido à falta de chuvas e da carência de produtos na Loja do Povo em Mueda, para onde se dirigem em marchas de um ou dois dias mas regressam sem nada.

moralizou porque já no tempo da guerra os aviões bombardeavam e a população voltava a construir as suas casas» — diz um dos responsáveis políticos de Muatide.

O problema da nudez faz-se sentir com muita intensidade em todos os habitantes durante a reunião havida foram unânimes em afirmar da necessidade em uma Loja do Povo abastecida com produtos que

eles precisam e possam trocar com a sua produção agrícola.

Durante a referida reunião em que foram focados os problemas que afectam presentemente a Aldeia a população no intervalo de cada depoimento cantava uma canção do tempo da guerra em que fala da Luta de Maguigwana e de Gungunhana contra o inimigo ocupante.

Explicam-nos em seguida que a canção

dizia que a vitória é difícil mas consegue-se tal como esperam ultrapassar as dificuldades presentes.

N'GAPA UMA LUTA DIFÍCIL E ARDUA

Para se ir a N'Gapa nova é preciso primeiro regressar a Mueda e depois avançar por uma picada do planalto durante duas horas e meia até atingirmos aquela localidade. «N'Gapa velha fica bastante distante da actual, e «era onde vivia o inimigo» como explica um responsável de N'Gapa nova.

N'Gapa é uma localidade administrativa e possui já uma Aldeia Comunal em Chelinde, com população das zonas libertadas e também regressados. N'Gapa não fica muito distante de Mocimboas do Rovuma e tivemos ali oportunidade de ver a picada que Kaúlza de Arriaga mandou abrir até ao Rovuma e que teve de ser abandonada pelos soldados colonialistas devido à intensificação dos ataques das Forças de Libertação.

Tal como em Miteda a localidade de N'Gapa tem uma grande dificuldade em relação à obtenção de água. Não há rio próximo e no tempo seco a situação torna-se bastante difícil, como este ano em que a seca está a grassar. Devido à falta de chuvas a produção agrícola também não foi boa. As populações produzem milho, mandioca, amendoim, mapira e gergelim.

Por outro lado foi já para ali transportada pedra para a construção de uma Loja do Povo, pois actualmente as populações têm de ir a pé até Mueda para comerciar os seus produtos.

— Mas quando chegamos a Mueda depois de um ou dois dias de marcha os panos que queremos já foram comprados, as catanas e enxadas já não existem. Se vamos às lojas particulares eles não trocam os nossos produtos e assim temos de regressar sem nada, a nossa nudez continua e a nossa produção não pode aumentar por falta de instrumentos» — diz Helena Acalima responsável da O.M. M. na Aldeia de Nachitendze, da localidade de N'Gapa, que durante a luta transportou na sua cabeça muito material de guerra e mercadorias da Tanzânia para aquela zona.

N'Gapa possui um pequeno posto de socorros com enfermeiros habilitados das Forças Populares, mas acontece que não têm medicamentos para tratamento de muitas doenças de que a população sofre. Chega a não haver comprimidos para o paludismo que é uma das doenças mais comuns na região.

Há realmente que se encarar com organização e planificação a palavra de ordem de prioridade para as Zonas Libertadas.